

Itinerários da práxis pedagógica de professoras no ensino de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental

Guilherme Matos de Oliveira¹
Mirian Rocha dos Santos²
Ana Paula Evangelista Silva³

Resumo

Este artigo, resultante de uma atividade prática da disciplina Conteúdo e Metodologia do Ensino Fundamental de Geografia no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), apresenta os resultados de entrevistas realizadas com duas professoras que lecionam a disciplina de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental, uma da rede privada e outra da rede pública de ensino, tendo o objetivo de identificar o que elas compreendem como ciência geográfica e como essa percepção resvala nos itinerários das práticas que desenvolvem em sala de aula, com vistas à efetivação do processo de ensino-aprendizagem. Mediante as contribuições teóricas de Pires (2007), Moura (2012), Straforini (2004) e Callai (2005), e mais especialmente dos depoimentos concedidos pelas professoras entrevistadas, entendemos que se torna imprescindível no ensino de Geografia nos anos iniciais evidenciar as transformações que ocorrem no espaço, além de possibilitar, por meio de uma leitura de mundo, a reflexão sobre o papel determinante dos sujeitos sociais nesse processo. Assim, vislumbramos a importância do professor na mediação dos conhecimentos geográficos, posto que as aulas que contemplam o estudo do espaço, e suas transformações, devem estar relacionadas à vida e ao contexto social dos seus estudantes.

Palavras-chave: Anos iniciais, Ensino, Geografia.

Itineraries of the pedagogical praxis of teachers in the teaching of geography in the early years of elementary school

Abstract

This article, resulting from a practical activity of the discipline Content and Methodology of the Fundamental Teaching of Geography in the Degree in Pedagogy at the State University of Southwest Bahia (UESB), presents the results of interviews conducted with two teachers who teach the discipline of Geography in the early years of Elementary School, one from the private network and the other from the public school system, aiming to identify what they understand about geographic science and its repercussions in the itineraries of the practices they develop in the classroom, with a view to effecting the teaching-learning process. Through the theoretical contributions of Pires (2007), Moura (2012), Straforini (2004) and Callai (2005), and more especially, from the statements given by the interviewed teachers, we understand that it becomes essential in the teaching of Geography in the early years to show the transformations that occur in space, in addition to enabling, through a reading of the world, the reflection on the determinant role of social subjects in this process. Thus, we envision the importance of the teacher in mediating geographic knowledge, since the classes that contemplate the study of space, and their transformations, must be related to the life and social context of their students.

Keywords: Early years, Teaching, Geography.

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5435-5139>. E-mail: ggui995@gmail.com.

² Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1216-518X>. E-mail: mirianrochadossantos.7@gmail.com.

³ Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9020-3703>. E-mail: apesilva1@gmail.com.

Introdução

Este artigo, resultante de uma atividade prática da disciplina Conteúdo e Metodologia do Ensino Fundamental de Geografia no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), apresenta os resultados de entrevistas realizadas com duas professoras que lecionam a disciplina de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental, uma da rede privada e outra da rede pública de ensino. O intuito desse trabalho é de identificar as particularidades existentes na concepção sobre Geografia, seu ensino e demais aspectos que circundam essa ciência, apresentadas pelas profissionais destes dois sistemas de ensino, bem como compreender quais os pressupostos defendidos por elas relacionados aos itinerários das práticas que desenvolvem em sala de aula, para que se constitua um aprendizado desta disciplina que seja satisfatório e produtivo para as partes envolvidas no processo de ensino-aprendizagem.

Para o delineamento das discussões expressas neste artigo, nos utilizamos de dois procedimentos metodológicos: levantamento bibliográfico de textos acadêmicos destinados aos diálogos teóricos sobre a temática em questão; e realização de entrevistas direcionadas às professoras citadas acima, atividade prática esta constituída em formato presencial e conduzida por meio de um questionário com perguntas elaboradas previamente e de igual conteúdo para ambas entrevistadas, sendo que sistematizamos no presente texto as ideias centrais relatadas pelas professoras.

Com base nos depoimentos das docentes foi possível tecer a fundamentação teórica deste texto, ao passo que podemos verificar hipóteses, defendidas por autores como Pires (2007), sinalizando que um dos principais motivos para o sucesso ou fracasso do ensino de Geografia na educação básica se encontra no processo de formação dos profissionais que atuam com essa disciplina, bem como dos resultados da ação, ou ausência dela, de órgãos do sistema educacional, social e político que muitas vezes não fornecem os subsídios necessários para uma boa formação, inicial e continuada, e atuação de qualidade desses educadores. A precariedade das condições de ensino é um dos aspectos abordados por Moura (2012), que questiona qual o papel e qual a importância do professor de Geografia na sociedade atual.

Ainda abordando aspectos referentes ao ensino de Geografia nos anos iniciais, utilizamos como base teórica os estudos de Straforini (2004) e Callai (2005), refletindo acerca da atuação do professor de Geografia, das dificuldades e desafios vivenciados no cotidiano

educacional, da relação do professor e estudantes com o objeto do conhecimento, sobre a importância do aprendizado nesta disciplina, bem como de outros aspectos que viabilizam a composição de análises que refletem sobre a totalidade das dinâmicas educacionais, estando a particularidade da práxis do professor no contexto do ensino de Geografia nos primeiros anos do ensino fundamental inscrita nesse processo.

Marco teórico

Em se tratando das questões sobre a ação pedagógica do professor no ensino da Geografia nas séries iniciais, nos deparamos com várias leituras e reflexões de autores que buscam evidenciar esta ciência vinculada à trajetória do exercício pedagógico desenvolvido no chão da escola, buscando analisar como se estabelecem essas práticas e de que forma elas repercutem no processo de ensino-aprendizagem, bem como elucidar o papel do professor junto à sociedade na qual se insere.

Pires (2007) pondera que a problemática do ensino de Geografia em sua realidade concreta se estabelece frente à formação que os professores têm recebido nos cursos de licenciatura, fazendo com que pensemos que os desafios advindos dessa formação acabam por se resvalar no processo de ensino-aprendizagem, pois muitas práticas ainda são desenvolvidas numa perspectiva tradicional e sem nenhuma eficácia. Desse modo, se não houver uma formação plausível e condigna a um bom exercício da docência, conseqüentemente surgirão graves reflexos negativos desse contexto no ensino de Geografia.

Pensando na composição da prática docente sob um entendimento da relevância do seu papel em sala de aula, compreendemos que as mudanças no ensino escolar precisam tomar concretude no tocante à facilitação da aprendizagem e, para isso, é necessário entender esse processo junto aos professores, sem limitar-se às discussões de cunho teórico e buscando superar o conservador, o tradicional no exercício docente.

Frente aos paradigmas impostos, acredita-se que o fator principal para se chegar à qualidade no ensino, é a melhoria da formação do profissional docente, no intuito de que o mesmo esteja preparado para assimilar e socializar as mudanças, que são constantes e variadas (PIRES, 2007, p. 4).

Seguindo esse pensamento, Straforini (2004) defende que o papel da Educação, e mais especificamente do ensino de Geografia, é o de colocar à tona a realidade que é condicionada pelas contradições sociais por meio do espaço, em que imbuído do conhecimento espacial os sujeitos possam se inconformar com aquilo que está posto e assim seguirem outras possibilidades de reprodução social, sendo que “[...] é, enfim, a totalidade-mundo, ou o espaço total, que os geógrafos e professores devem perseguir e não a sua fragmentação e hierarquização escalar” (STRAFORINI, 2004, p. 65).

Para o autor, quando o ensino de Geografia trabalhado nas séries iniciais do Ensino Fundamental deixa de estabelecer o elo entre o local e global – o próximo e o longínquo – está promovendo um desserviço para o ensino, pois “ao invés de trazer a realidade dos e aos alunos, está, na verdade, distanciando-os cada vez mais” (STRAFORINI, 2004, p. 82). É nessa proposta metodológica de uma leitura de mundo que venha a preceder a leitura da palavra que Callai (2005) ressalta que

Uma forma de fazer a leitura do mundo é por meio da leitura do espaço, o qual traz em si todas as marcas da vida dos homens. Desse modo, ler o mundo vai muito além da leitura cartográfica, cujas representações refletem as realidades territoriais, por vezes distorcidas por conta das projeções cartográficas adotadas. Fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura apenas do mapa, ou pelo mapa, embora ele seja muito importante. É fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos) (CALLAI, 2005, p. 228).

Portanto, os professores que ensinam Geografia para crianças precisam tanto construir quanto desenvolver sua prática docente, estimulando seus estudantes.

[...] no interesse de buscar algo melhor para suas vidas e para seu futuro. Não adianta mais o professor chegar à sala de aula e apenas “passar” o conteúdo que lhe foi ordenado para seus alunos. Ser professor é ser educador, é fazer parte da vida de seus alunos, é ensiná-los a questionar (MOURA, 2012, p. 10).

Neste contexto, cabe ao professor de Geografia fomentar em seus estudantes análises sobre o espaço na sua totalidade, sendo que ele é constantemente transformado a partir da relação entre sociedade/natureza na efetivação do trabalho social humano, visto que esta associação se estabelece em diferentes escalas (global, nacional, regional, local) e que

continuamente seguirá por uma dinâmica de produção/reprodução expressa nos aspectos físicos, históricos, culturais, políticos etc. do/no mundo contemporâneo.

Vale, nesse sentido, se utilizar das categorias de análise da ciência geográfica, como a paisagem, o território, o lugar, entre outras, para que estas (sempre inter-relacionadas) venham auxiliar os estudantes na compreensão do objeto de estudo dessa ciência, que é o espaço geográfico, seja por exemplo no trajeto de suas casas para a escola, na leitura da paisagem do bairro onde moram, na organização e disposição da sala de aula onde estudam, entre outras possibilidades analíticas que facilitem a leitura de mundo (portanto geográfica) dos estudantes.

Espaço físico e social das escolas onde as professoras atuam

As entrevistas, realizadas com duas professoras que lecionam Geografia nos anos iniciais, uma da rede privada e outra da rede pública de ensino, abordam temáticas referentes ao contexto das escolas onde atuam, desafios enfrentados na ação educativa, concepções acerca da Geografia e do seu ensino, relação professor, estudantes, instituição e comunidade com o ensino da disciplina e com seu objeto de estudo, dentre outras questões. Com o intuito de manter a identidade das instituições de ensino e das entrevistadas no anonimato, trataremos as escolas com a sigla RPR (Rede Privada) e RPP (Rede Pública), e as professoras como PPR (Professora da Rede Privada) e PPU (Professora da Rede Pública); visto que abordaremos os aspectos mais relevantes das respostas dadas pelas educadoras.

Ao entrevistarmos uma professora de uma instituição da RPR de ensino na cidade de Anagé - BA, nos foi informado que a escola possui várias turmas, desde a Educação Infantil aos anos finais do Ensino Fundamental.¹ Conforme os dados coletados na entrevista com a educadora da escola, a relação entre os professores e os gestores da instituição acontece por meio do comprometimento mútuo no exercício dos respectivos ofícios. No que se refere a relação entre docentes e discentes, a instituição, de acordo com o relato da entrevistada, objetiva desenvolver um ensino pautado na complementação entre os sujeitos, a fim de construir uma aprendizagem significativa. Na mesma vertente se estabelece o relacionamento

¹ Destaca-se que esta Unidade Escolar não disponibilizou informações sobre o quantitativo de seus funcionários, bem como as funções de cada um deles.

com os pais, em forma de parceria com vistas a uma boa formação das crianças inseridas na escola. Quanto à relação com a comunidade de modo geral, a instituição tem procurado evidenciar a sua contribuição social através da participação em atividades públicas (desfile da primavera, datas comemorativas, entre outros), momentos que envolvem a participação também da comunidade que está no entorno do espaço escolar.

Também entrevistamos uma outra educadora que atua em uma escola da RPP de ensino do município de Vitória da Conquista - BA, e que oferece os anos iniciais do Ensino Fundamental e a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

No quadro de funcionários a escola possui: 01 diretora, 01 vice-diretora, 01 coordenadora, 01 secretária, 01 auxiliar de secretaria, 09 docentes, 01 bibliotecária, 01 auxiliar do laboratório de informática, 02 agentes de portaria, 03 responsáveis pela limpeza e 03 pela merenda escolar. Quando questionada acerca da relação existente entre professores e gestores, a entrevistada afirma que há uma boa relação, mesmo que às vezes ocorra divergência de opiniões, procuram resolver tudo da forma mais coerente possível, de forma que a opinião de todos seja respeitada. Entre professor e estudantes, ela afirma que há uma relação de afetividade, principalmente em sua turma de primeiro ano, que recebe crianças em seu primeiro contato com a educação escolar ou mesmo que já vieram da Educação Infantil, mas que precisam de muita atenção e carinho nessa fase de rupturas e descobertas de um novo contexto.

Com as famílias a relação é meio conturbada, visto que muitos pais não conseguem participar ativamente da vida escolar dos seus filhos, devido a inúmeros fatores, no entanto, aqueles que conseguem participar costumam estabelecer uma boa convivência e diálogo, contribuindo para uma melhor educação para seus filhos.

Quanto à relação entre escola e comunidade, esta participa de forma mais frequente quando a instituição organiza eventos e projetos, segundo a educadora, por ser um bairro periférico e, conseqüentemente, discriminado, a população que no geral não tem muitas opções de lazer aproveita para participar quando existem eventos dessa natureza na escola.

Experiências das professoras com a geografia nos anos iniciais

Professora da Rede Privada (PPR)

A primeira entrevistada foi uma professora de 59 anos de idade, que atua como docente e no corpo diretivo de uma instituição de ensino da RPR. A docente é graduada em Letras e iniciou a carreira de professora no ano de 1974, desde então permanece atuando na Educação Infantil e nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, lecionando a estudantes dos 04 aos 16 anos, com jornada atual de trabalho de 40 horas semanais.

No que se refere à concepção e compreensão acerca da Geografia e seu ensino, PPR defende que é uma disciplina que visa a compreensão do espaço geográfico e do homem que nele está presente, no entanto, na educação básica costuma ser negligenciada em prol da supervalorização do ensino de Português e Matemática na escola. Para a educadora este é um dos grandes desafios do ensino de Geografia, além da necessidade e dificuldade em se estabelecer uma relação entre sociedade e natureza para o trabalho em sala de aula, já que, para PPR, nos anos iniciais é preciso trabalhar uma didática própria da disciplina para que as crianças possam compreender como o espaço é transformado no seu dia-a-dia.

Questionada quanto aos desafios encontrados para o exercício da profissão, PPR aponta a falta de um interesse autônomo dos sujeitos que compõem a escola, principalmente dos estudantes e seus pais. Por mais que o profissional faça uso de recursos e metodologias, ainda é necessário o interesse dos estudantes pelos conhecimentos geográficos. O professor necessita de domínio dos conceitos pertencentes à Geografia, bem como compreender satisfatoriamente acerca do seu objeto de estudo (espaço geográfico), este que é constantemente modificado pelas formas históricas e atuais de sociabilidade humana, ao passo que

Partindo dos pressupostos teóricos que balizam nossas concepções de educação e de geografia, como proceder para ensinar geografia nas séries iniciais passa a ser o desafio. E, sendo fiéis a esses referenciais, a busca deve estar centrada no pressuposto básico de que, para além da leitura da palavra, é fundamental que a criança consiga fazer a leitura do mundo (CALLAI, 2005, p. 232).

Referindo-se às estratégias utilizadas para despertar o interesse dos estudantes, a professora da RPR afirma que procura trabalhar sempre com o que eles mais gostam (música,

jogos), relacionando com aspectos do cotidiano, pois assim eles têm mais facilidade de aprender, uma vez que o desempenho dos estudantes é algo conquistado paulatinamente, o que posteriormente amadurece o desempenho do próprio educador.

No contexto dessa instituição de ensino, as aulas de Geografia ocorrem uma vez por semana, posto que os conteúdos são abordados, também, de forma interdisciplinar. Durante as aulas, a docente procura superar as dificuldades apresentadas pelos estudantes, através da utilização dos conhecimentos e habilidades que eles possuem e que venham a contribuir para o desenvolvimento do aprendizado deles. Ela também acredita ser importante que o professor identifique e procure superar suas próprias dificuldades que se fizerem presentes no percurso das aulas. PPR defende o ensino de Geografia interligado às outras disciplinas, e que os conteúdos devem ser trabalhados com cautela, de modo a não saturar ou sobrecarregar os estudantes, considerando as orientações pedagógicas para cada série, e evitando construir “[...] um mero conjunto de técnicas para serem aplicadas na sala de aula, sem ter em conta os respectivos contextos escolares” (MOURA, 2012, p. 5).

As condições de trabalho oferecidas pelas instituições também são determinantes a um ensino de qualidade, na visão da professora entrevistada, acrescentando que a escola em que atua tem buscado atender as demandas estruturais que surgem no desenvolvimento das atividades pedagógicas, com base na compreensão de que o ensino de Geografia contribui para o cuidado com o espaço onde nos reproduzimos socialmente, tanto em sala de aula quanto fora dela.

Ainda de acordo com PPR, faz-se necessário mudar a forma fragmentada que se trabalha a Geografia, abordando a natureza separada da sociedade, além da necessidade de modificar o sistema vigente, que visa preparar mão de obra para atender o mercado e não preza pela valorização do professor, este que em sua formação deve adquirir uma visão ampliada do espaço e de como ele pode ser trabalhado em sala de aula, evitando limitar-se ou focar sua análise sobre a Geografia em determinado conteúdo, sem estabelecer uma relação com a totalidade espacial.

Professora da Rede Pública (PPU)

A segunda entrevistada, pertencente a RPP de ensino, tem 39 anos, é graduada em Pedagogia, atua na docência há 10 anos, mesmo período em que atua nos anos iniciais. Atualmente leciona no 1º ano do Ensino Fundamental, para crianças de 6 anos, com jornada de trabalho de 20 horas semanais.

Para PPU, os principais desafios encontrados se ancoram em conseguir que os estudantes compreendam que eles são integrantes das relações da sociedade com a natureza. Para ela, no cenário atual o professor precisa ter em sua bagagem uma quantidade enorme de informações e conhecimentos, e ainda procurar transformar tudo isso em práticas diárias, no curto espaço de tempo que possui. Situação que é agravada pela falta de materiais para auxiliarem nas aulas.

Ainda de acordo com PPU, a Geografia simboliza a compreensão do espaço, sua totalidade e suas relações, abrange toda a leitura de mundo, o que pressupõe que o professor deve dispor de habilidades que o possibilitem compreender tais aspectos, para posteriormente abordá-los em suas aulas. Em se tratando especificamente dos anos iniciais, Callai (2005, p. 234) adverte que cabe ao docente motivar os estudantes a entenderem que suas ações individuais/coletivas repercutem tanto para si quanto para o contexto social onde vivem.

Como estratégia didática, PPU afirma que procura inserir os estudantes em todas as atividades que faz em sala de aula para que eles se sintam parte do conteúdo que está sendo trabalhado. Além de valorizar todas as atividades que são desenvolvidas por eles, dentro e fora da sala de aula, registrando os resultados obtidos e a partir deles, traça novas estratégias ou aprimora as que são utilizadas.

Segundo a professora, quando reflete sobre o seu próprio desempenho, o faz com base nos resultados alcançados pelos estudantes. Relacionar os conteúdos e iniciar sua discussão a partir de questões do cotidiano dos estudantes têm sido uma das estratégias utilizadas pela entrevistada, trabalhando de forma contextualizada e interdisciplinar, ainda que a disciplina de Geografia disponha de apenas duas aulas semanais. Ainda na visão dessa educadora, os professores, inclusive os iniciantes, precisam se aprofundar cada vez mais com cursos e formações continuadas, pois conhecimento nunca é demais e quando menos se espera, fazemos uso deles.

A formação do professor de Geografia, portanto, se constitui num processo inesgotável que se constrói e reconstrói a cada dia, tendo como marca, o compromisso e a busca de conhecimentos científicos específicos sobre a área de atuação e uma sistematização acerca das reflexões sobre a prática (PIRES, 2007, p. 9).

Quanto às dificuldades encontradas em sala de aula, a entrevistada afirma que procura ser uma professora facilitadora no processo de ensino-aprendizagem, estimulando os estudantes para que atinjam e, se possível, superem os objetivos propostos, posto que ainda assim sempre ocorrerão divergências entre o que é planejado e o que de fato ocorre em sala de aula, o que segundo ela, são coisas do currículo oculto que só quem conhece é o educador que está em sala de aula cotidianamente.

A estrutura do ambiente de trabalho também é outro fator importante apontado pela PPU. Na sua realidade, aponta que é bem precária a situação da escola, pois não dispõe de espaço apropriado aos seus sujeitos, os recursos didáticos são poucos, às vezes não é possível utilizar, por exemplo, o laboratório de informática, o que faz com que os materiais didático-pedagógicos, muitas vezes, se resumam apenas ao livro didático.

A escola em si, para a PPU, possui uma visão muito limitada sobre o ensino de Geografia, como se este se realizasse apenas dentro do espaço da sala de aula. Por isso é necessário lutar para que ocorram transformações nas concepções das instituições, docentes, estudantes e sociedade acerca dessa disciplina, para que resultados mais satisfatórios possam ser alcançados.

Considerações finais

Na partilha do itinerário das professoras que atuam nos primeiros anos da educação básica neste texto, podemos vislumbrar (tanto os demais professores quanto os licenciandos que estão no processo de formação à docência) como elas têm buscado ensinar a Geografia na sala de aula, suas estratégias de mediação do conteúdo frente à realidade dos seus estudantes, as dificuldades que enfrentam na efetivação da práxis pedagógica, dentre outras situações em vista da superação dos entraves no ensino. É também importante destacar a contribuição das docentes na socialização das suas experiências, sejam elas satisfatórias ou não.

Ambas as entrevistadas, referindo-se aos paradigmas existentes sobre o ensino de Geografia, apontam para a necessidade de se romper com as estruturas do ensino tradicional, de forma que produza modificações na visão que se tem sobre esta disciplina, vista muitas vezes como algo estático, naturalístico, conteudista e dissociada da sociedade. Desse modo, é imprescindível, no processo de ensino-aprendizagem em Geografia, evidenciar as transformações que ocorrem no espaço, além de possibilitar, por meio de uma leitura de mundo, a reflexão sobre o papel determinante dos sujeitos sociais nessa realidade.

Um outro aspecto apontado nas entrevistas diz respeito à necessidade de que o professor tenha domínio dos conceitos e categorias pertencentes ao ensino de Geografia, a começar por seu objeto de estudo, o espaço geográfico, abordados por elas enquanto constructo social e humano, constituído pela ação dos sujeitos em sociedade.

Mesmo reconhecendo a capacidade das professoras de serem portadoras de conhecimentos geográficos e de conseguirem viabilizá-los em sala de aula, encontramos dualidades quanto às condições objetivas de realização do ensino de Geografia nas instituições, sendo que a escola da RPR tem conseguido possuir recursos didáticos para que sejam efetivadas as atividades pedagógicas da disciplina, ao contrário da escola da RPP, que sofre com a falta de recursos didáticos, situação esta que acaba inviabilizando uma necessária aquisição de conhecimentos por parte dos estudantes que vivem numa condição periférica, e que precisam de solução quanto a este problema (por parte do poder público local), para que a aprendizagem escolar não seja comprometida.

Partindo dessas realidades, consideramos plausível discussões acerca do Ensino de Geografia expresso nos processos educativos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, sendo que este texto pretende estimular a realização de novas pesquisas e estudos sobre as práticas pedagógicas em Geografia, situadas nos mais variados espaços escolares dos primeiros anos da educação básica, no intento de compreender os desafios e as possibilidades da promoção de uma aprendizagem significativa, ao vislumbrarmos a práxis do professor na mediação dos conhecimentos geográficos, posto que as aulas que contemplam o estudo do espaço e suas transformações devem estar relacionadas à vida e ao contexto social dos seus pequenos estudantes.

Referências

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. *Cadernos CEDES*. Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, 2005.

MOURA, Marisa Ribeiro. O professor de geografia e sua prática profissional: qual seu papel na sociedade atual? *Geosaberes: revista de estudos geoeeducacionais*. Fortaleza, v. 3, n. 5, p. 3-11, jan./jun. 2012.

PIRES, Lucineide Mendes. Formação de professores de geografia: um desafio no fazer da prática pedagógica. In: *II Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino – EDIPE*. Anápolis-GO, 2007.

STRAFORINI, Rafael. *Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais*. São Paulo: Annablume, 2004.

Recebido em: 22 out. 2020.

Aceito em: 20 jun. 2021.